

O humanista planetário

Edgar Morin, um dos grandes pensadores do nosso tempo, fez 100 anos e comemorou-os com mais um livro. O seu pensamento entusiasmou-me desde a primeira hora.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 14 de julho de 2021

Quando cheguei à Faculdade, no fim dos anos 70, o existencialismo já tinha perdido os seus encantos. Sartre e Merleau-Ponty tinham passado de moda. O marxismo era dominante. Mas o verdadeiro fascínio intelectual, o centro do pensamento, era então o estruturalismo: Lévi-Strauss e Lacan, Barthes e Foucault. Da antropologia à psicanálise, da semiologia à história, eram estes os *maître à penser* que trazíamos na ponta da língua. Para o marxismo estrutural de Althusser nunca tive paciência. Mas neste caldo anti-humanista destacava-se, desalinhado, um humanista heterodoxo cujo pensamento me entusiasmou desde a primeira leitura. Chamava-se Edgar Morin e fez 100 anos a semana passada.

É certo que Manoel de Oliveira filmou até aos 107 e Óscar Niemeyer projectou até aos 105, mas não é todos os dias que um dos grandes pensadores do nosso tempo faz 100 anos e os comemora com mais um livro que acrescenta aos 70 publicados num século de vida. Aos 15 anos apoiou a República na guerra civil de Espanha. Foi pacifista antes da segunda guerra, mas juntou-se à resistência e combateu os horrores do nazismo. Foi comunista, mas abandonou o partido e criticou o totalitarismo estalinista. Viveu por dentro o Maio de 68, em França, e o ideal alternativo das comunidades *hippies* na Califórnia.

Começou por estudar Direito e Ciências Políticas, mas isso era pouco. E estreito. Saltou para a filosofia, a psicologia, a sociologia. Transdisciplinar desde os bancos da Universidade. Nos anos 50 ganha um lugar como sociólogo no Centro Nacional de Investigação Científica. A sociologia oficial nunca o reconheceu como tal. E ele também não. A formação marxista chamava-o para o determinismo económico, mas ao estudar a morte, o boato ou o cinema, rapidamente descobriu a importância da crença, do mito e do imaginário. O mundo do sonho é tão real como o mundo da matéria. Navegou entre várias disciplinas.

Na sua experiência americana contactara com a teoria dos sistemas e a cibernética e, em 1972, encontra Jaques Monod, bioquímico, prémio Nobel e figura central da biologia molecular. Num célebre colóquio de Royaumont que reunia biólogos e médicos, antropólogos e historiadores para reflectir sobre “invariantes biológicos e universais culturais”. Daqui nasceu a sua concepção trinitária do humano, em que o indivíduo, a espécie e a sociedade são indissociáveis e se constituem mutuamente: o indivíduo está dentro da sociedade, mas através da linguagem e da cultura a sociedade está dentro do indivíduo; o indivíduo está dentro da espécie, mas a espécie através do ADN está dentro do indivíduo. É essa a tese do *Paradigma Perdido: a Natureza Humana*. Foi aí que o encontrei. E nunca mais o abandonei.

Estava aberto o caminho para o que veio a chamar o pensamento complexo. E que desenvolveu em 30 anos, seis volumes e 2000 páginas na sua obra magna: *O Método*. Do que se trata? Da passagem de um pensamento cartesiano para um pensamento complexo. De um pensamento que compartimenta disciplinarmente as ciências, para um conhecimento transdisciplinar que as relaciona. De um pensamento binário – sujeito/objecto, certo/errado – para um pensamento em que os antagonismos podem ser complementares e todas as coisas causadas e causantes. As partes compõem o todo, assim como o todo está nas partes. Ou, como diz o povo, “isto anda tudo ligado”. E só a complexidade pode entender o enigma da condição humana.

No último volume do *Método*, simplesmente chamado *Ética*, Morin abre um novo capítulo do seu pensamento: o de uma ética planetária que procura respostas para a crise civilizacional da comunidade de destino que é a nossa. Hoje ameaçada pela globalização desregulada, a financeirização da economia, a vigilância digital das sociedades, a regressão política em que proliferam populistas e regimes neautoritários. E, claro, pela degradação da biosfera e essa crise multidimensional que é a pandemia. Respostas que procura, sem futurologia, mas sempre a antecipar o futuro.

Do seu último livro, *Lições de uma Vida*, há duas que retive para meu governo. Primeiro, num mundo em que cresce a violência identitária, vale a pena lembrar a complexidade trinitária do ser humano: indivíduo-sociedade-espécie, isto é, a nossa identidade complexa, simultaneamente, una e plural. Segundo, num mundo em que crescem a *bigbrotherização* e o autoritarismo, vale a pena lembrar que o pensamento complexo é o contrário a todo o dogmatismo e toda a idolatria, isto é, que resiste a todas as formas de dominação.

<https://www.publico.pt/2021/07/14/opiniao/opiniao/humanista-planetario-1970247>